

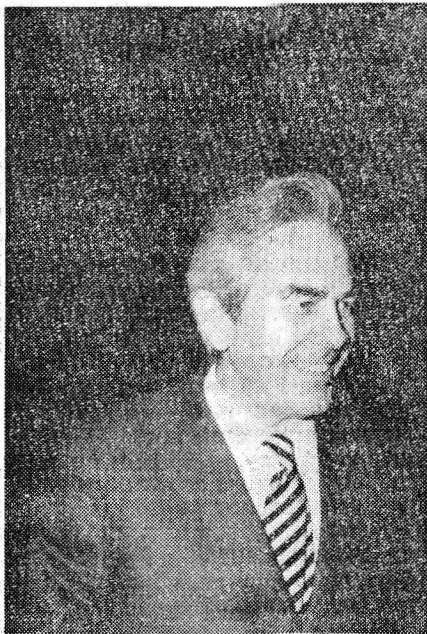
# Acordo só depende da redação final

**MOISÉS RABINOVICI**  
Nosso correspondente

NOVA YORK — No final da noite de ontem sobravam apenas questões de redação para o anúncio oficial do primeiro acordo entre o Brasil e seus bancos credores. Era isso o que informava uma fonte que participa das negociações. O acordo teria quatro itens que foram mais discutidos: o primeiro deles é que os bancos credores aceitaram reescalonar a dívida brasileira de 1986 a 1989. O segundo ponto, sempre de acordo com a mesma fonte, seria esse: os bancos credores concordam em ter boa vontade quanto a conversão da dívida em títulos na forma como foi apresentada pelo ministro Bresser: títulos voluntários, e não obrigatórios. Terceiro: os bancos credores prometem manter as linhas de crédito de curto prazo nos níveis anteriores, ou sejam, US\$ 15,2 bilhões e, quarto, os credores topam contribuir com mais de US\$ 3 bilhões numa conta-caução num banco suíço, o BIS (Banco de Compensações Internacionais da Basileia).

Desse total, o Brasil entraria com US\$ 1 bilhão, dos quais US\$ 500 milhões devem ser pagos já em novembro.

Outras informações adicionais sobre o acordo, que deve ser anunciado: O Brasil quer uma redação muito vaga na cláusula sobre um acordo com o FMI e quer um texto



6-9-87

**Bracher: acerto final  
sai em dezembro**

muito claro na parte que fala da conversão da dívida. O ponto mais difícil das negociações é a caução que Bracher chama de custódia. Discutiu-se muito quais bancos participariam do depósito e quantos. Parece que dos 600 credores do Brasil somente de 60 a 100 entrariam.

O outro problema da caução é sobre quem controlará o dinheiro e se haverá simultaneidade entre os

depósitos do Brasil e dos bancos credores.

"Todo restante já foi resolvido", disse a fonte sobre o acordo. Essa mesma fonte explicou que o problema mais duramente superado foi o do relacionamento do Brasil com o FMI. Venceu a vontade brasileira de não vincular uma volta ao Fundo com um acordo que está sendo negociado.

Antes de entrar na rodada de negociações de hoje, Bracher deu uma pequena entrevista para os repórteres que o esperavam.

A primeira pergunta foi direta ao ponto: "É possível que o senhor saia daqui com um acordo final fechado?". Bracher foi rápido: "Certamente sairei sem acordo final nenhum porque um acordo final com nossos credores só será fechado em dezembro. Diante da perplexidade dos repórteres, ele acrescentou: "Este será um acordo provisório para ultrapassar o problema da legislação norte-americana referente à qualificação de nossos créditos vencidos", explicou.

— E esse acordo? Pode acontecer nas próximas horas? Bracher respondeu afirmativamente com a cabeça. Em seguida, ele pensou um pouco mais e voltou atrás: "Olhem", disse, "não vamos chamar esse acordo de provisório. Ele não pode ser enquadrado dessa maneira. É um acordo. Qualquer coisa é um acordo. Se eu concordo de ir daqui até ali, isso é um acor-

do. Então, o atual é um acordo pelo qual simplesmente se estabelecem determinados procedimentos que permitem aos bancos norte-americanos continuarem a manter os créditos brasileiros numa determinada categoria e, portanto, ter folga para negociarmos". Diante da insistência de maiores definições, Bracher ainda acrescentou: "Teoricamente, esse acordo deve sair hoje" (ontem).

Pouco depois, o porta-voz do comitê credor, Dick Howe, sala apressado da sala de reunião. Assediado pelos repórteres, ele também trocou algumas palavras para afirmar que "o texto do acordo não ficaria pronto a tempo". Com papéis na mão, ele afirmou que iria para sua sala fazer um rascunho do texto final. "Um não", acrescentou. "Vários textos até que possamos atingir o consenso. E isto poderá demorar toda a noite ou, então, ser transferido para nova sessão amanhã (hoje)."

## URGÊNCIA

Como a comissão interagência que examina a dívida brasileira decidiu suspender sua decisão a respeito da reclassificação dos débitos do País à espera do resultado dessas negociações, a urgência do resultado passou a pressionar os interlocutores. A suspensão da decisão só chegou ao conhecimento dos negociadores durante a tarde e, certamente, Bracher respirou com um pouco mais de alívio.